



ISSN 1984-5634

ENTREVISTA

HISTÓRIA PÚBLICA, PRODUTO HISTÓRICO E DIVULGAÇÃO CIENTÍFICA POR MEIO DE PODCAST: ENTREVISTA COM PROF. DR. CÉSAR AGENOR FERNANDES DA SILVA

Public History, Historical Product and Dissemination of Scientific through Podcast: Interview with Prof. Dr. César Agenor Fernandes da Silva

DANIEL FERREIRA DA SILVA¹

ELIANA BARROS PEDROZA²

GABRIELLE RODRIGUES DA SILVA³

RESUMO

A entrevista, realizada virtualmente em 16 de setembro de 2023, destaca a significativa discussão com o Dr. César Agenor Fernandes da Silva, professor reconhecido sobre o papel histórico da divulgação da história e as direções que os historiadores podem seguir. O professor expressou sua preocupação não apenas com a criação do produto histórico, mas também com a recepção pelo grande público. O cerne da entrevista foi provocar uma reflexão profunda, principalmente entre os profissionais da história, sobre seu papel como propagadores e produtores de conteúdo no cenário digital. Temas cruciais, como a produção de memória e os embates em torno das narrativas do passado, foram minuciosamente abordados, ressaltando a importância de questionar e reavaliar constantemente o papel do historiador na sociedade contemporânea. Assim, a entrevista busca não apenas informar, mas também inspirar uma análise crítica entre os leitores e ouvintes.

PALAVRAS-CHAVE: História Pública; divulgação da história; conhecimento histórico.

ABSTRACT

The interview, held virtually on September 16, 2023, highlights the significant discussion with Dr. César Agenor Fernandes da Silva, prominent Professor regarding the historical role of disseminating history and the directions that historians can follow. The professor expressed his concern not only with the creation of the historical product, but also with its reception by the general public. The core of the interview was to provoke a deep reflection, especially among professionals of History, about their role as propagators and producers of content in the digital scenario. Crucial themes, such as the production of memory and the conflicts surrounding narratives of the past, were thoroughly covered, highlighting the importance of constantly questioning and reassessing the role of the historian in contemporary society. Thus, the interview seeks not only to inform, but also to inspire critical analysis among readers and listeners.

KEYWORDS: Public History; dissemination of history; historical knowledge.

EDITOR-CHEFE:

Andrei Marcelo da Rosa

EDITORE-GERENTE:

Rame Ferreira

SUBMETIDO: 12/01/2024

ACEITO: 07/08/2024

COMO CITAR:

SILVA, D. F. da; PEDROZA, E. B.; SILVA, G. R. da. História pública, produto histórico e divulgação científica por meio de podcast: entrevista com Prof. Dr. César Agenor Fernandes da Silva. *Aedos*, Porto Alegre, v. 17, n. 39, p. 618-626, ago-dez. 2025.

<https://seer.ufrgs.br/aedos/>

¹ Doutorando em História pela Universidade Estadual de Maringá (UEM) e Mestre em História Pública pela Universidade Estadual do Paraná (UNESPAR). Especialista em Ciências Humanas Aplicadas ao Mundo do Trabalho pela Universidade Federal do Piauí (UFPI), graduado em História pela Universidade Federal do Triângulo Mineiro (UFTM), Podcaster e YouTuber do Conexão História. ORCID iD: 0000-0003-1255-6105. E-mail: danielfsilva22@gmail.com

² Mestra em História Pública (UNESPAR). Bacharel em Direito pela UEPB (2017), Graduada em História pela UFCG (2013), graduada em Letras pela UVA (2011), especialista em Gênero e Diversidade na Escola pela UFPB (2015). Atualmente Professora Efetiva na educação básica da Paraíba. ORCID iD: 0009-0009-3009-083X. E-mail: elianab.pedroza@hotmail.com

³ Mestranda em História Pública pela Universidade Estadual do Paraná/UNESPAR, Bolsista Capes 2023. Graduada em História pela Universidade do Estado da Bahia (2021). ORCID iD: 0000-0003-1261-6585. Email: gabriellerodrigues22@gmail.com

O professor doutor César Agenor Fernandes da Silva, do departamento de História da Universidade Estadual do Centro-Oeste (Unicentro-PR), é pesquisador desde 2004, destacando-se por sua trajetória acadêmica relevante no estudo do conhecimento técnico-científico dos homens de letras do Brasil do século XIX. Doutor em História e Cultura Social desde 2010 pela Universidade Estadual Paulista – UNESP, sua tese, intitulada “Ciência, técnica e periodismo no Rio de Janeiro oitocentista (1808-1852)”, reflete sua expertise. Concluiu seu mestrado em 2006 na mesma instituição, abordando o tema da dissertação “O Correio Braziliense e seu projeto de civilização (1808-1822)”.

Com foco recente em História Pública, César Agenor dedica-se à divulgação do conhecimento histórico por meio de mídias como *podcasts*. Além disso, pesquisa memórias e educação digital. Desde 2014, produz o *podcast* “Fronteiras no Tempo” para debater temas históricos e, a partir de 2016, passou a integrar a equipe de divulgação científica do Portal Deviante. Em 2017, juntamente com Marcelo de Souza Silva (UFTM), elaborou um artigo sobre as vivências e práticas de divulgação científica por meio de *podcasts*, texto este que dialoga com as temáticas propostas nesta entrevista. Nosso foco era entender como fazer história pública de qualidade por intermédio desta ferramenta. A partir de 2020, começou a coordenar o projeto de pesquisa “História Pública, intelectuais, mídias e ensino de história: a divulgação científica em história e a construção da consciência histórica na contemporaneidade”. Esse projeto investiga a divulgação científica da história em mídias digitais, como redes sociais, canais no *YouTube*, *podcasts* e portais eletrônicos, contribuindo para entender a História Pública como um campo em constante diálogo com o público digital, permeado por disputas de narrativas.

Esta entrevista foi possibilitada devido à composição das ações pertencentes à disciplina do mestrado no Programa de Pós-graduação em História Pública (PPGHP) na UNESPAR – Universidade do Estado do Paraná, campus de Campo Mourão – intitulada Projeto Integrador, lecionada pela Prof.^a Dr^a Cyntia Simioni França. A disciplina pretende possibilitar aos mestrandos a ampliação de uma prática e caminhos profissionais para a atuação do historiador, por meio da divulgação da história – neste caso, um *podcast*. O motivo da escolha da modalidade de trabalho parte da ideia de que estes servem como importante forma de divulgação histórica para o grande público, ao mesmo tempo em que muitas vezes não são produzidos por historiadores, nos causando preocupações com a dissiminação de narrativas controversas.

A ideia da atividade desenvolvida na disciplina era que os pós-graduandos elaborassem a estrutura do *podcast* e convidasse profissionais renomados da área considerando as temáticas de estudo da equipe em seus *programas*.⁴ Os convidados, portanto, teriam que ser pessoas que tivessem afinidades com as pesquisas dos entrevistadores e, como parte dos integrantes do nosso grupo pesquisam a divulgação da história, tornou-se conveniente entrevistar uma pessoa que fizesse esse trabalho com êxito. Pensando em historiadores que trabalham com divulgação da história por meio de *podcast*, chegamos ao Professor Doutor César Agenor Fernandes da Silva, escolhido pelo grupo para ser entrevistado para o nosso *podcast* por ter vasta experiência nessa área. A intenção do grupo era que o entrevistado falasse sobre sua experiência fazendo *podcasts* – o início, a recepção, as dificuldades, os meios para se obter êxito, entre outras coisas, como o processo de gravação e edição e o futuro da História Pública no Brasil. Tudo para incentivar e colaborar para os historiadores conhecerem e ocuparem esse espaço de produção de conteúdo histórico para o grande público.

O contato foi estabelecido por meio de um colega em comum, o Professor Doutor Marcelo de Souza Silva, da Universidade Federal do Triângulo Mineiro. Portanto, ao entrevistar o Professor César Agenor, nós esperávamos compreender melhor os motivos por trás da produção de seu

⁴ O programa de *podcast* é o “Diálogos Públicos *Podcast*” organizado na disciplina Projeto integrador do PPGHP, mas gerenciado pelo Laboratório de Ensino de História (LEHIS). A entrevista está disponível com a nomenclatura “Ep.#01-Nós e o Fronteiras e Ep. #02-O produto histórico” na página do Laboratório: <<https://open.spotify.com/show/3P6uKyUbZzXGT0Tlm2hDb0?si=oUkf4U4FRt-zzEbS9AHQzQ>>.

podcast, como também aprofundar nossas reflexões sobre o papel da história pública no contexto atual, considerando especialmente as dinâmicas digitais e as diversas formas de disseminação de conhecimento histórico.

Assim, realizamos a entrevista em formato de podcast em 16 de setembro de 2023, utilizando a plataforma virtual *Spotify for podcasters*. Acreditamos que o *podcast* proporciona uma ampliação das nossas compreensões sobre porquê produzi-los, reconhecendo, simultaneamente, o papel do entrevistado em uma área em ascensão, a História Pública. Observa-se que as pesquisas por ele realizadas são de grande importância para o debate no campo historiográfico, o que pode nos convidar a explorar a produção intelectual desempenhada especialmente por meio de seu projeto “Fronteiras no Tempo”, estimulando debates sobre suas contribuições. Esperamos que a entrevista possa esclarecer ao leitor alguns aspectos sobre a produção em história através desses meios.

Eliana Barros Pedroza: *Como surgiu a ideia do Fronteiras?*

César Agenor Fernandes da Silva: A história do Fronteiras no Tempo remonta aos primórdios dos *blogs* pessoais por volta de 2001 e 2002, na época do surgimento do *blog* do UOL. A plataforma possibilitou a criação do meu primeiro *blog* intitulado “Fronteiras entre aqui e lá: uma breve história no tempo”, cujo nome era bastante extenso, quase como um diário, onde compartilhava reflexões sobre minha jornada na graduação, além de abordar temas mais amplos sobre “a vida, o universo e tudo mais” como já diria o *Guia do mochileiro das Galáxias*. [...] Em 2004, migrei para o *MySpace*, adotando o nome “Fronteiras no Tempo”. Em 2006, o *blog* foi transferido para o *Blogspot*, permanecendo ativo até 2014. Ao longo do tempo, convidei amigos para colaborar, incluindo o professor Paulo Roberto, conhecido como Paulinho, atualmente na Universidade Federal do ABC, e o Marcelo, amigo desde os tempos de graduação. A partir de 2008, tornei-me ouvinte assíduo de *podcasts*, influenciado pelo Marcelo que me apresentou o Nerdcast (*podcast* produzido pelo site Jovem Nerd) durante uma visita à Franca. Por volta do ano de 2010, sugeri ao Marcelo a criação de um *podcast* de história, uma vez que não havia ainda iniciativas com historiadores nesse meio. Ele concordou, gravamos o primeiro episódio, mas devido a questões pessoais e técnicas, o projeto foi arquivado.

Em 2014, precisamente em 31 de julho, relançamos o Fronteiras no Tempo, mantendo a gravação original de 2010. A primeira edição, com qualidade sonora insatisfatória, foi produzida na mesma época, porém isso não nos impediu de continuar com o *podcast* ao longo dos anos. Ainda em 2010, com o passar da maturidade acadêmica notava uma lacuna na oferta de *podcasts* feitos por historiadores, o que ficou evidente quando ouvi as estatísticas de audiência e interesse dos ouvintes do Nerdcast. Era um episódio que comemorava o aniversário do programa, no qual destacaram que seus episódios mais ouvidos eram os que tratavam temas de História, mesmo sem a presença de um historiador na equipe. Algumas imprecisões e generalizações conceituais eram cometidas, como o equívoco sobre a “idade média = idade das trevas” e a caracterização equivocada dos indígenas como os povos mais primitivos. Isso me levou a acreditar que era crucial trazer a perspectiva de um historiador para o cenário. Vale ressaltar que agora eles possuem o Felipe Figueiredo e a qualidade dos episódios de história melhoraram exponencialmente. Foi então que decidimos preencher esse espaço, lançando o *podcast* Fronteiras do Tempo, para atender a um público interessado na mídia, cujos principais produtores que careciam da formação e experiência necessárias para criar conteúdo específico.

Daniel Ferreira da Silva: *César, como foi o início das edições técnicas, são vocês mesmos que fazem, ou possuem algum profissional que realiza o serviço?*

César Agenor Fernandes da Silva: Em termos de produção, nosso primeiro grande desafio foi aprender a fazer a edição dos episódios. Até o 11º episódio do Fronteiras, fui responsável por editar tudo o que foi lançado. A partir do 12º episódio, passamos a contar com a terceirização da edição. Atualmente, contamos com três editores pernambucanos: Adriano João, Danilo e Raphael.

O Raphael, inclusive, é historiador e eles três fazem a edição. Optamos pela terceirização da edição, pois, para vocês que estão ouvindo, e futuramente para quem passar por isso, editar um *podcast* é um trabalho meticuloso. A cada 10 minutos de áudio, corresponde a cerca de uma hora de trabalho, devido às pausas, gaguejos e outros ajustes necessários. Ao assistir alguém falar e notar hesitações, pausas ou repetições, normalmente entendemos que a pessoa está pensando e toleramos esses momentos. No entanto, ao ouvir somente o áudio, esses elementos podem tornar a experiência insuportável. Portanto, é essencial haver uma consciência maior ao gravar e falar no *podcast* para evitar vícios de linguagem. Mesmo assim, é difícil evitar completamente esses vícios ao falar por uma hora ou mais.

A qualidade do som também é um fator crucial na produção. Quando começamos, especialmente naquela época, havia poucos tutoriais disponíveis para orientar sobre como proceder. Hoje, a situação é bem diferente, com uma abundância de tutoriais disponíveis no *YouTube* que ensinam a operar programas de edição de áudio. No início, tivemos que desbravar esse terreno, aprendendo a editar por tentativa e erro. Para nós, contar com uma edição profissional foi um alívio. Inicialmente, pagávamos essa edição com recursos próprios, mas posteriormente iniciamos um projeto de financiamento coletivo que permitiu que o *Fronteiras no Tempo* se autofinanciasse. No entanto, recentemente, devido a um fenômeno generalizado durante a pandemia, houve uma redução significativa no apoio a *podcasts* não profissionais. Isso afetou nossa arrecadação e nos levará a retomar a edição de alguns episódios, embora não de todos. Essa é uma realidade que teremos que enfrentar daqui em diante.

Daniel Ferreira da Silva: *Vocês veem a relação entre o Fronteiras no Tempo e a História Pública (HP)?*

César Agenor Fernandes da Silva: Certamente, a relação entre o *Fronteiras no Tempo* e a História Pública é evidente. Quando começamos a produzir o *podcast*, a discussão em torno da HP já estava se aproximando de nós. Em 2014, participei de um evento sobre HP em Santos, São Paulo, na universidade em que trabalhava. Foi nesse momento que entrei em contato com a temática, enquanto o programa ainda estava em seus estágios iniciais. Conforme fomos explorando essa historiografia e a literatura relacionada à História Pública, a relação entre o programa *Fronteiras no Tempo* e essa prática tornou-se mais profunda.

O *Fronteiras no Tempo* nasceu como uma prática de História Pública, o objetivo desde o início foi o de aproximar o público ouvinte do modo como a história é concebida e construída, utilizando uma linguagem acessível a todos, semelhante ao que fazemos na academia, porém voltado para um público mais amplo. Embora na época não tivéssemos conceituado o que fazíamos como uma prática de HP, hoje podemos afirmar que é exatamente isso. Fico muito satisfeito em dizer que isso inspirou muitos outros a também produzirem *podcasts* sobre história.

Vale destacar que a própria Associação Nacional de História (ANPUH) passou a produzir *podcasts*, assim como o Grupo de Estudos sobre o Brasil dos oitocentos, que nos convidou para criar uma vinheta e apresentar o trabalho deles. Vemos com grande entusiasmo essas práticas de História Pública. Consideramos que nos consolidamos nessa área ao participar de uma oficina de *podcasts* durante o segundo curso de História Pública em 2021, o que foi de extrema relevância para nós.

Gabrielle Rodrigues da Silva: *Em se tratando da História Pública, vamos abordar o papel do público, como acontece no Fronteiras no Tempo? Ele interfere nas pautas do podcast?*

César Agenor Fernandes da Silva: É uma questão interessante, não concordam? Atualmente, estamos atravessando esse processo. Além disso, é um dos nossos projetos de pesquisa na área de História Pública. Vale destacar que a minha área de estudo envolve a HP, o ensino da história e o patrimônio cultural. Por vezes, as sugestões e comentários do público exercem influência sobre nós, levando-nos a ponderar sobre novas temáticas. Por exemplo, ao gravarmos o episódio acerca do nazismo de esquerda, isso decorreu de uma conversa com os nossos apoiadores. Para eles, tal

debate já se apresentava surpreendente, fato que os levou a sugerir que tratássemos sobre o assunto. Noutros momentos, nós recebemos solicitações dos nossos ouvintes. Os apoiadores do nosso *podcast* no grupo do *WhatsApp* são os nossos ouvintes mais próximos. Estamos começando a analisar a recepção do *podcast* e percebemos que estudar a recepção é um desafio, mas é importante entender como o público recebe o conteúdo, tanto em termos quantitativos quanto qualitativos.

A relação com o público é crucial, especialmente porque produzimos conteúdo para uma audiência ampla e diversificada. Nosso público é predominantemente masculino, 70%, ou seja, maioria dos ouvintes de *podcasts* em geral, conforme a pesquisa da PodPesquisa. A faixa etária varia entre 18 e 40 anos, com alguns ouvintes mais velhos, e muitos têm ensino superior. Portanto, é importante considerar o público ao apresentar as histórias de forma acessível, sem simplificar demais a linguagem. Explicamos conceitos para garantir que todos compreendam, mesmo que em um ambiente acadêmico esses conceitos sejam rapidamente entendidos. Uma vez esclarecido, não é necessário repetir o conceito, mas é essencial fazer a constante conexão com o público. Uma característica importante do *podcast* é a capacidade de criar comunidades em torno do programa. Isso acontece porque os ouvintes se envolvem e desenvolvem laços, permitindo uma troca significativa entre o público e os produtores de conteúdo.

Daniel Ferreira da Silva: *Isso é algo que provoca alguns dos estudantes de História Pública, não é? Ou seja, eles buscam entender como o conteúdo histórico é recebido e absorvido pelo público. Por exemplo, em minha pesquisa, irei investigar a receptividade entre os professores, enquanto a Gabi está analisando os comentários na plataforma do YouTube para compreender como o conteúdo pode ser melhor recebido e provar a eficácia da aprendizagem histórica do vídeo proposto. Dessa forma, estamos investigando como o público se relaciona e absorve essas informações, é um aspecto fundamental no campo da História Pública?*

César Agenor Fernandes da Silva: A preocupação com a recepção de textos jornalísticos tem sido uma questão de interesse pessoal desde o período dos meus estudos acadêmicos. Trabalhei com a história da imprensa e questioneei como o público absorve esses textos. A recepção ocorria principalmente por meio de debates entre os jornais, mas também gerava discussões em outros espaços, como escolas. Por exemplo, o Colégio Pedro II proibiu a entrada de periódicos devido ao tumulto gerado, o que é um indício que essas publicações circulavam e provocavam o público leitor. Só ficou permitida a entrada de publicações autorizadas pelos professores do Colégio.

Mapear a recepção do *podcast* é desafiador. Pode-se pensar, por exemplo, em entrevistar uma amostra representativa de professores para obter dados quantitativos e qualitativos. Embora seja viável, é importante ressaltar que há pouca experiência com estatística nesse contexto. [...] A recepção é o processo de selecionar um grupo específico de entrevistados e realizar uma amostragem para obter dados representativos. Dado o grande número de ouvintes e programas de *podcast* no Brasil, capturar a perspectiva completa não é uma tarefa simples, se faz necessário fazer recortes e talvez focar em nichos. O *Fronteiras no Tempo* é de nicho, mas possui uma proposta ampla. No entanto, quando comparado a outros *podcasts* populares como *Não Inviabilize* ou *Nerdcast*, a diferença de alcance entre eles é evidente. Outro *podcast* notável é o *República do Medo* (RDMCast), apresentado por três historiadores que discutem cultura pop, cinema e principalmente o gênero horror. Apesar de terem um público maior, abordam temas não estritamente históricos.

Percebemos que o nosso público é silencioso, mas considerável, com cerca de 10 mil ouvintes por episódio, dado o conteúdo que oferecemos. Para nos aproximar e mapear a audiência, é necessário considerar o uso de ferramentas virtuais, como o *Google Forms*. É importante contar com a colaboração e boa vontade das pessoas para participarem dessa atividade. Para isso, é necessário definir com clareza o recorte e o público-alvo.

Sugiro uma aproximação com profissionais de Relações Públicas, que pode render bons frutos, especialmente se considerarmos a experiência que possuem em lidar com os diversos públicos e

possuírem habilidades em identificar e se conectar com diferentes segmentos de audiência. Acredito que essa colaboração interdisciplinar enriqueça a abordagem usada.

Eliana Barros Pedroza: *Geralmente grandes projetos, principalmente aqueles que trabalham com temas históricos sensíveis na internet, são de certa forma imãs para 'hates', isso acontece no Fronteiras? E se sim, como vocês lidam com isso?*

César Agenor Fernandes da Silva: No Fronteiras nunca sofremos ataques diretamente. Ocasionalmente surge um comentário no *iTunes* com palavras depreciativas, mas isso é bastante raro. Não enfrentamos muitos problemas com comentários negativos no Fronteiras. Podemos estar atraindo tanto pessoas que concordam com o que discutimos como aquelas que discordam, mas nem todos possuem fundamentos sólidos para sustentar essa discordância. No entanto, ao publicar os episódios no *YouTube*, enfrentamos uma situação diferente. Por exemplo, quando lançamos os episódios sobre “O Golpe de 64” e “Nazismo de Esquerda”, houve uma presença significativa de comentários negativos. O episódio sobre “Nazismo de Esquerda” foi removido devido a questões de direitos autorais na trilha sonora, mas o episódio sobre o “Golpe de 64” continua disponível e atraiu muitos comentários desfavoráveis e, especialmente, de negacionistas. Recentemente, tivemos um ouvinte português que discordou do nosso *podcast* no *YouTube*. Publicamos o nosso episódio de número 54 intitulado “Mitos da escravidão” no dia 13 de maio de 2022 [no Portal Deviante esse episódio foi publicado no dia 17 de fevereiro de 2021], e a discordância do ouvinte reforçava e defendia os mitos da escravidão. Respondi ao comentário mostrando as suas contradições, ele realizou uma réplica e a conversa não prosseguiu. Porém, isso não nos afeta muito, já que são ocorrências raras e não dedicamos muito tempo ao *YouTube*, nossa plataforma principal é o *Spotify*, *Google Podcasts* ou *iTunes*. Usamos o *YouTube* principalmente para divulgação e para atrair ouvintes para essas plataformas. Embora encontremos comentários negativos no *YouTube*, sabemos que é um público diferente. Aqueles que ouvem no *Spotify* têm a opção de comentar, mas até agora, temos recebido apenas elogios. Portanto, não sofremos muito com comentários negativos.

Eliana Barros Pedroza: *E quanto à questão da expressão “produto de história” ou “produto histórico”, como é visto pela sua ótica, essa relação é ideológica?*

César Agenor Fernandes da Silva: O produto de história é uma terminologia que eu mesmo uso, pois o *podcast* é um produto intelectual do historiador, no Fronteiras no Tempo percebe-se que ele é um *podcast* que demanda dedicação e esforço em todas as etapas, desde a concepção até a divulgação. Apesar de não ser comercializável, pode ser considerado um “produto” concreto, como resultado de reflexões e trabalho intelectual. As reflexões sobre a prática de produzir o *podcast* já renderam um capítulo de livro, apresentações em congressos e um artigo científico, em processo de publicação. Dessa forma, o produto representa um resultado de trabalho histórico. É interessante observar que muitos estudantes são atraídos para o curso de história, não apenas pelos conhecimentos acadêmicos ou pelos textos de historiadores renomados. Muitas vezes, são os jogos, como *Assassin's Creed*, RPGs, séries como *Game of Thrones*, ou até mesmo animes com contexto histórico. Existe uma cultura de história na sociedade que se desenvolveu desde o século XVIII e foi fortalecida pelo historicismo do século XIX, onde a história desempenhou um papel importante no nacionalismo.

Essa cultura valoriza o passado, os monumentos, os documentos – para usar uma expressão de Le Goff – e esses elementos formam a base dessa cultura histórica. Portanto, é plausível pensar que podemos criar produtos históricos que alcancem um público e se tornem referências de história para esse público. Em outras palavras, por que não considerar que o conhecimento produzido por acadêmicos, por profissionais formados, possa ser também uma forma de entretenimento com alta qualidade, contribuindo para enriquecer a cultura histórica e aproximando nosso público desse universo?

Daniel Ferreira da Silva: *É sabido que vocês fazem parte do Portal Deviante, o qual é um grande agregador de conteúdos de diversas áreas. Como ocorreu essa inclusão do Fronteiras na equipe? Essa ideia de criar produtos históricos se aplica de forma mais sistemática com eles, já que o Deviante possui uma audiência maior?*

César Agenor Fernandes da Silva: Nossa entrada para o Portal Deviante é um divisor de águas, pois ampliamos nossa audiência significativamente, isto ocorreu no ano de 2016, quando eu me juntei à equipe de história do Scicast, um *podcast* de divulgação científica. Nossa equipe é composta por 80 pessoas, incluindo quatro gestores, e todos trabalham de forma voluntária. Isso cria um ambiente diversificado, com membros que possuem experiências variadas, como o Sérgio Sacani, criador do canal do *YouTube Space Today* e que atualmente está no Flow Podcast e é membro da equipe do Deviante. Também temos pesquisadores do Butantã incluindo a Thais Boccia, que possui um *podcast* sobre novelas e está realizando seu pós-doutorado em Boston, nos Estados Unidos, e outros profissionais de diversas áreas, como medicina, engenharia e direito, incluindo uma equipe de advogados que são todos professores universitários. O projeto é amplo, com membros espalhados pelo mundo, desde países como França, Austrália e Canadá, e com pelo menos um representante de cada região do Brasil.

Todos compartilhamos um interesse comum: produzir divulgação científica de alta qualidade em diversas áreas. Ao nos convidarem para fazer parte do Deviante e da família, isso foi fundamental para obtermos uma visibilidade muito maior. Atualmente, o Fronteiras no Tempo tem aproximadamente 10% da audiência do Scicast.

Faço parte da equipe de Ciências Sociais, embora tenha tido uma pausa na gravação devido a questões pessoais e familiares. Infelizmente, não consigo gravar à noite, e a equipe normalmente grava nesse horário, por isso, contribuo revisando pautas e escrevendo algumas delas para os episódios, além de gravar o *spin* de notícias que é um *podcast* diário do Portal. Nesse sentido, o Fronteiras no Tempo é um produto que atende ao que o Portal busca: divulgação científica de qualidade ou popularização do conhecimento científico, o que é central para a proposta do portal.

Claro, ele oferece também entretenimento, com *podcasts* sobre jogos, humor, e diversas outras temáticas, mas o carro-chefe é o Scicast e a divulgação científica. Temos iniciativas como o SciKids, que conta com as bençãos do padrinho Marcelo Tas (cujo personagem Prof. Tibúrcio marcou a infância de muitos membros do portal). O SciKids é uma iniciativa que ele ouviu e apoiou desde o início. Outro episódio memorável é o que contou com a participação especial do ator Paul Zaloom, que interpretou o Beakman no Programa de televisão estadunidense *Beakman's World* (Mundo de Beakman na versão brasileira, que era transmitida na TV aberta). Este episódio teve uma edição com áudio original e outra dublada (com o mesmo ator que dublou o Zallom na versão brasileira, o Flávio Dias). Posso afirmar que fazer parte do Portal Deviante é uma fonte de alegria e orgulho, pois pude conhecer pessoas inteligentes e engajadas de diferentes idades, áreas e experiências que integram o que chamamos carinhosamente de “Torre Deviante”.

Gabrielle Rodrigues da Silva: *Durante a pandemia, como em muitos meios de comunicação e plataformas de conhecimento, os conteúdos de história passaram por mudanças significativas em relação ao público-alvo e à utilização de materiais digitais. Você poderia compartilhar como o Fronteiras do Tempo enfrentou essa situação? Houve alguma dificuldade particular ou um aumento no acesso?*

César Agenor Fernandes da Silva: Em resumo, em relação ao acesso, não houve grandes mudanças. No que diz respeito à produção, continuamos gravando de casa e apenas ajustamos a rotina para lidar com a presença das crianças e todos estarem no mesmo ambiente. Uma dificuldade que todos enfrentamos, quem trabalha com *podcasts*, foi a queda no financiamento coletivo durante e após a pandemia. Isso resultou em uma redução no número de apoiadores. Não foi um fenômeno que aconteceu apenas no Fronteiras do Tempo, mas em vários outros *podcasts*. Provavelmente isso se deve à situação econômica que o país passou a enfrentar. As pessoas

tendem a apoiar um *podcast* quando têm recursos disponíveis e, caso contrário, acabam suspendendo esse apoio para utilizar o dinheiro em outras necessidades. Em termos de produção, como mencionado, não houve mudanças muito significativas. Realizamos algumas transmissões ao vivo no *YouTube* e no *Instagram*, com uma boa interação do público. Em 2020, houve um momento em que as pessoas estavam mais animadas para interagir e deixar comentários, mas isso foi voltando gradualmente à normalidade.

Em resumo, o “boom” dos *podcasts* ocorreu a partir de 2019, após a aquisição do *Anchor* pelo *Spotify*. Isso eliminou a necessidade de um site e servidor, além de não ter custos de publicação. Como resultado, houve um aumento significativo no número de *podcasts*, embora muitos tenham apenas um ou poucos episódios e alguns tenham sido abandonados pelos produtores. Durante a pandemia, a produção do *Fronteiras* não foi interrompida e recebeu reconhecimento acadêmico mediante convites para oficinas em várias instituições e, especialmente, para participarmos do 2º curso de Introdução à História Pública. Isso trouxe satisfação e alegria, mostrando que o trabalho estava sendo valorizado no meio acadêmico.

Daniel Ferreira da Silva: *Com certeza, isso é muito interessante de observar. Nas próprias universidades, como você mencionou, houve um crescimento notável no interesse pela História Pública. Projetos e iniciativas como o PET, o Pibid e o Residência Pedagógica tiveram um papel fundamental nesse processo, envolvendo-se de maneira significativa nessa expansão. É inspirador ver como a História Pública está ganhando cada vez mais espaço e atenção nas instituições acadêmicas, não é verdade?*

César Agenor Fernandes da Silva: Existem projetos de extensão aqui que estão se voltando para a História Pública. O PET História da Unicentro, por exemplo, também tem como projeto a criação de um *podcast*. Estou colaborando com eles, oferecendo oficinas e participei de vários encontros. A História Pública tornou-se uma preocupação central em nosso curso. Recentemente, realizamos uma semana de história com foco em História Pública. Tive o privilégio de participar da mesa de abertura do evento ao lado do Prof. Rogério Rosa (UDESC). A palestra de encerramento foi proferida pelo Professor Ricardo Marques de Mello (UNESPAR-Campo Mourão), do programa de pós-graduação em História Pública. A fala do professor durante o evento levantou questões muito importantes sobre os caminhos futuros da História Pública. Nosso trabalho com *Fronteiras no Tempo*, que começou há nove anos, agora recebe um olhar positivo e reconhecimento pelos nossos pares. A pandemia destacou a relevância do *podcast* e impulsionou os debates sobre História Pública no Brasil. A História Pública ganhou destaque e os *podcasts* de historiadores agora são mais visíveis e reconhecidos pelos especialistas e pelo público em geral.

Daniel Ferreira da Silva: *Inicialmente, abordamos os projetos relacionados à universidade. Na pauta, também incluímos a discussão sobre iniciativas universitárias voltadas para a História Pública e a divulgação do conhecimento histórico por indivíduos não pertencentes à área, assim como por movimentos culturais e regionais. Um exemplo notável é a ASSOVA-PB, uma associação de vaquejada da Paraíba, que promove a divulgação de sua prática cultural e esportiva, tanto regionalmente quanto nacional, buscando estabelecer uma conexão significativa com seu público. Como você avalia essa forma de divulgação? Você a vê como positiva, mesmo sem a intermediação da academia?*

César Agenor Fernandes da Silva: “A primeira questão que é importante é que nós não somos donos da história”. O historiador e a historiadora não são donos da história. A história pertence à coletividade, é nossa história. Ela é coletiva. Quando a gente tem iniciativas da sociedade civil organizada que vai buscar na memória, no passado, para contar suas trajetórias, exaltar determinados elementos da cultura, é extremamente positivo. O interessante é que a gente se aproxime desses grupos e mostre como podemos contribuir e fazer parte deles, fazer História Pública com eles, que é outra faceta da História Pública. Estamos conversando muito aqui nesse

programa de hoje sobre a faceta da divulgação histórica. Divulgação histórica é uma coisa. Agora, a História Pública não é só divulgação. A História Pública é uma forma de nos aproximarmos da comunidade e produzir conhecimento em conjunto. Não devemos nos colocar como detentores absolutos da verdade, mas sim mostrar que temos conhecimento e técnica para contribuir na “contação” da história completamente. Assim como nos Estados Unidos, precisamos buscar e criar espaços para a História Pública no Brasil. É importante nos aproximarmos das comunidades não apenas para obter trabalho, mas também para mostrar a importância do nosso trabalho na vida coletiva. Hoje em dia, a História Pública é essencial para a sobrevivência dos historiadores.

O Paraná é um Estado com um grande número de cursos públicos de história, incluindo várias universidades federais e estaduais. Na Unicentro, há três cursos de história, localizados em diferentes campus. No entanto, se um dia as autoridades decidirem fechar esses cursos, é improvável haver um grande protesto em defesa deles, a menos que a sociedade entenda a importância e relevância desses cursos. É importante destacar que a universidade não se resume a doutrinação ou conspirações de esquerda, mas desempenha um papel importante na vida coletiva [...]. Os cursos de história são de importância coletiva e estão disponíveis para todos. É necessário que a sociedade compreenda e reconheça a relevância desses cursos. Não se trata de doutrinação ou conspiração da esquerda, pelo contrário. O argumento do Olavo de Carvalho é simplista e repleto de falhas e teorias conspiratórias. A teoria da conspiração tem sua própria atração, mas devemos lembrar que a universidade não se resume a isso. A universidade pública, incluindo o curso de história, desempenha um papel crucial na produção de conhecimento, pesquisa e formação acadêmica. Embora as universidades privadas também contribuam, é a universidade pública que lidera em volume e qualidade de pesquisa científica e acadêmica. A História Pública é essencial para uma sociedade melhor, pois sem o conhecimento do passado, vivemos no escuro. Portanto, a universidade pública desempenha um papel fundamental ao trazer luz para os assuntos que nos inquietam e é importante para nossa própria sobrevivência.

Eliana Barros Pedroza: *Como você observa o rumo da História Pública daqui para a frente?*

César Agenor Fernandes da Silva: A obrigatoriedade da curricularização da extensão em todos os cursos de graduação proporciona uma oportunidade única para expandir a perspectiva da História Pública no quesito acadêmico. Os projetos de extensão que envolvem essa área se tornam fundamentais nesse contexto, permitindo criar uma história para e com a comunidade. Esses projetos podem ser uma forma valiosa de engajar os alunos nessa obrigação e transformá-la em algo benéfico e proveitoso.

Podemos utilizar esses espaços para alcançar além dos limites de nossos muros, colaborando com museus da cidade e espaços públicos. Ao longo do Fronteiras no Tempo, tive a oportunidade de conhecer projetos excelentes, como o Museu do Trabalho e dos Direitos Humanos, realizado pela Universidade Federal Fluminense em Barra Mansa e idealizado pela professora Alejandra Esteves. Nessa cidade, trabalhadores da Siderurgia Nacional eram levados, muitas vezes de forma arbitrária, para serem torturados e presos. Esse projeto transformou o local em um espaço de vida pública, com exposições artísticas e um museu ao ar livre, representando uma iniciativa de História Pública muito interessante. Também tive o prazer de entrevistar a historiadora Aline Lima, conhecendo mais de perto seu trabalho e o do Museu da Indústria do Ceará. Ambos são exemplos excepcionais que podemos aproveitar para nos inserir socialmente por meio da História Pública. Essa abordagem pode ser um guia valioso para nossos projetos de extensão, ao atender a esse segundo viés da HP, basta termos interesse.

Atualmente, estou envolvido em um projeto de extensão focado na História Pública, em parceria com uma comunidade assistida por uma associação beneficente. Existem aspectos muito interessantes a serem explorados. Assim que tivermos mais resultados, ficarei à disposição para participar novamente do programa e colaborar com essa área que me dá ânimo.